

ANTÓNIO OSÓRIO

A Luz Fraterna

Prefácio de Eugénio Lisboa

Assírio & Alvim

A vasta obra de António Osório, poética e de prosa-poema (que passa igualmente pelos aforismos e a crónica), acaba de ser reunida no volume *A Luz Fraterna*. Nenhum título seria mais justo para nele guardar, como se fosse um “celeiro”, as sementes luminosas, as nascentes, as raízes da fraternidade, os frutos partilhados que são os poemas de um autor ímpar no panorama da lírica portuguesa das últimas quatro décadas.

Reproduz-se na capa um óleo sobre tela (“Contraluz”) de Miguel Ângelo Lupi e mais de seiscentas páginas acolhem a escrita de António Osório de 1965 a 2009. O tomo abre com *A Raiz Afectuosa*, o primeiro livro, publicado em 1972 numa edição de autor, pois as editoras só apostavam em “consagrados”. Mas a originalidade do poeta (que nos dá obras notáveis como *Décima Aurora*, *O Lugar do Amor* ou *Libertação da Peste*) era uma “janela” a abrir-se num “quarto muito abafado”, disse-o João Gaspar Simões. E demais críticos não pouparam aplausos ao verso desvinculado de modismos. Osório tinha (tem) “parentes” literários (entre outros: Homero, Dante, Camões, Cesário, Pessanha, Rilke, Goethe, Auden, Cecília, Borges, Montale, Ungaretti, Bashô), no entanto dessa família foi “filho de si mesmo”. O reconhecimento não tardou.

Faz a diferença com uma poesia que nos liberta e purifica. A luz dos seus poemas intensifica-se num percurso de tocante elevação e rigor estético, aliás realçado por Eugénio Lisboa no magnífico prefácio para esta antologia e que igualmente sobressai nas *Perspectivas Críticas* e

numa entrevista de Ana Marques Gastão (realizada em 2001 para o DNA) incluídas neste volume, o qual insere ainda uma *Entrevista Apócrifa*, inéditos e dispersos somados a uma dezena de títulos de um autor com o coração repartido por Portugal (paterno) e Itália (materna), Florença em particular, sem da Grécia se apartar.

Na fase inicial, por exemplo, em *A Ignorância da Morte* (1978) encontramos uma das mais belas elegias: “Mãe que Levei à Terra”, revelando já o modo como Osório vigia as emoções, nunca consentido excessos na transposição dos afectos para a linguagem do poema, mesmo quando o corpo poético escava a “Ferida que não sutura, / a que matou meu Pai”, a dor oculta. Essa depuração e limpidez (que a técnica da elipse mais subtil torna) sentem-se em cada verso de António Osório, celebrante da vida que não ignora a morte nem a inquietação, todavia procurando sempre o “lugar do amor”, a “alegria em terra lavrada”.

Por que será tão fascinante a poesia de Osório? A simplicidade é nela uma cultura esmerada e isso bastaria. Julgo, no entanto, que o seu dom mágico reside, sobretudo, na forma como o poeta se entrega aos outros, com um olhar humano, uma sensibilidade límpida. Capta assim o mais invisível da natureza de todas as coisas, dos vivos e dos mortos, homens e bichos, pássaros e touros, toureiros e curadores, árvores e rios, cães e rosas, Adão e Eva, lobos e anjos, mitos e quotidianos. O “pão das palavras” ganha então a energia essencial, unificadora. Entramos nesse “celeiro”, lá descobrimos também pintura e música, a claridade do verbo. E salvamo-nos do vazio.